**O QUADRO, A LUZ E SEU REGISTRO: SOBRE A DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA EM “AINDA ESTOU AQUI” E “MARTE UM”**

Daniel Leão[[1]](#footnote-1)

**RESUMO**

Este trabalho propõe uma análise da cinematografia (direção de fotografa) de Ainda estou aqui (Walter Salles, 2024) e Marte Um (Gabriel Martins, 2022), investigando como elementos técnicos e estéticos — como luz, cor e composição visual — articulam-se às narrativas e temas sociais abordados. Nossa metodologia se baseia na análise de planos, paletas cromáticas e esquemas de iluminação, articulando-os às discussões teóricas sobre cinematografia (MOURA, 2001; THOMPSON; BORDWELL, 2013; BROWN, 2021), da cor e da iluminação (PEDROSA, 2008; REVAULT D’ALLONNES, 2021) e a representação da pele negra no cinema (BOMFIM, 2019; DYER, 1999; FELICIANO, 2023). Em ambos os filmes é possível perceber um uso complexo e distinto de estratégias de iluminação e composição. Para citar nos determos em aspectos centrais que serão abordados, Ainda estou aqui (cinematografia de Adrian Teijido), filmado em película Kodak Vision 500] 5219, teve uma manipulação fundamental, Nas palavras de Teijido, “A partir do momento em que Rubens Paiva é levado pela polícia, decidi puxar 1 Stop o [filme Kodak Vision 500] 5219. Usei a textura do grão como um elemento narrativo”. Neste gesto, alcança-se ainda outra forma de registrar as luzes e cores ambientes, o que é ainda reforçado pelas estratégias de iluminação e caracterização. Os enquadramentos são igualmente notáveis, como o plongée escolhido para registrar a subida de Eunice a área íntima da casa antes da mudança para São Paulo. Em Marte Um, Leonardo Feliciano se vale de uma iluminação que busca emular aquela dos corpos celestes, levando em consideração a importância que estes têm para o protagonista do filme, sempre dentro da linha dietética da obra: “o meu trabalho foi guiado pelas luzes acadêmicas clássicas, mas na intenção de personalizá-las ao máximo: isto é, reter os signos da luz solar e lunar, para então, escancarar suas assinaturas, e estampá-las nas peles dos atores e locações”, como afirma Feliciano. A luz dos astros foi alinhado com uma “iluminação dramática para peles negras”, conjugando-se fontes de luz que refletissem de forma especular na pele. Ambos os filmes, distintos em suas preocupações, estilo e mesmo em seu material de registro, empregam a cinematografia como extensão da dramaturgia, valendo-se da expressão imagética como elemento essencial para simbolizar os aspectos afetivos, políticos e narrativos da história. Uma análise conjunta pode contribuir para debates sobre técnica e estética no cinema nacional, destacando a fotografia como linguagem autoral e expressiva.

**Palavras chave:** Cinema Brasileiro Contemporâneo. Cinematografia. Direção de Fotografia. Marte Um. Ainda estou aqui.

1. Daniel Leão é professor e cineasta. Graduado em Cinema (UFF, 2010) e doutor em Artes Visuais (UDESC, 2020), realizou pesquisa pós-doutoral (UFSC, 2023-2024) com apoio do CNPq a respeito dos filmes que abordam a golpe de 2016. É professor de Direção de Fotografia na Universidade Federal Fluminense. [↑](#footnote-ref-1)